



JACOBINOS NEGROS

REFLEXÃO SOBRE UM CLÁSSICO HISTORIOGRÁFICO EM SALA DE AULA

BLACK JACOBINS: REFLECTION ON A CLASSICAL HISTORIOGRAPHIC IN THE CLASSROOM

Fábio Alexandre Tardelli Filho*

Ésli Rian Queiroz**

RESUMO:

Esse artigo tem como objetivo aprofundar e discutir a respeito da obra Jacobinos Negros de C.L.R. James e o trabalho pedagógico em torno desse material para desenvolvimento de análises estruturais da questão da escravidão e racismo nas aulas de História e também fortalecer o papel de clássicos como essa obra no espaço escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação crítica. Jacobinos Negros. Revolução de São Domingos

ABSTRACT:

This article aims to deepen and discuss the work The Black Jacobins by C.L.R. James and the pedagogical work around this material to develop structural analyzes of the issue of slavery and racism in History classes and also to strengthen the role of classics like this work in the school space.

KEYWORDS: Critical education. Black Jacobins. San Domingo Revolution.

* Filiação institucional e email.

** Filiação institucional e email.

Introdução

O presente artigo é desdobramento de um trabalho de “relato de prática ” apresentado e publicado nos anais da XI Semana da Pedagogia da UFSCar campus Sorocaba. Portanto, nesse momento, se trata de um aprofundamento teórico a respeito das discussões de trabalho escolar a partir do livro *Jacobinos Negros* (2010) do historiador C.L.R. James em relação à educação crítica, o fundamento pedagógico do trabalho escolar, estruturada por Saviani, Vigotski e Lunatchárski.

Originalmente esse relato de prática trazia um trabalho pedagógico estruturado em 2019 na cidade de Salto de Pirapora em duas escolas públicas estaduais. Trabalho que se desenvolveu com base em nossa atuação como docente de História na rede e teve como objetivo: desenvolver, por via de processos do criar artes e desenhos, a relação entre a percepção artística, política e histórica as discussões a respeito do racismo por via de um entendimento estrutural. Relacionando essa etapa à categoria do trabalho na concepção marxiana tendo como pilar do processo a história da Revolução de São Domingos, também conhecida como Revolução Haitiana. Ou seja, se tratou de um trabalho pedagógico que almejou mesclar as esferas ontológicas, epistemológicas e axiológicas por via da formação histórica, artística e política.

Em decorrência da recepção de outros professores e estudantes de licenciatura de Sorocaba e região, nossa região de atuação político-social e acadêmica, sobre esse trabalho e, também, o interesse na obra de C.L.R. James, decidimos aprofundar essa discussão, não mais em um formato de “relato de prática” mas um artigo para debater e aprofundar teoricamente o que realizamos nas escolas estaduais Anna Cuevas Guimarães e Jardim Daniel David Haddad.

A importância da revolução de São Domingos para a luta social brasileira

Samir Amin, marxista egípcio e cunhador do termo “eurocentrismo” em seu sentido político, em entrevista aos *Cadernos Políticos* vol.1 (2018) do Instituto

Tricontinental de Pesquisa Social, destaca a Revolução Francesa como uma das três grandes revoluções da História Moderna, mas complementa alertando “O papel da Revolução Haitiana é muito importante como parte desse processo do final do século XVIII” (INSTITUTO TRICONTINENTAL, 2018, p. 18).

Para Amin isso acontece porque a Revolução Francesa transcende a Revolução Americana, sobretudo pelo salto na direção da Democracia e a sua proposta/*slogan* de “liberdade, a igualdade e a fraternidade” enquanto na estadunidense “A palavra democracia não aparece na Constituição dos Estados Unidos (1789). A democracia era considerada pelos seus criadores como um perigo. (...) A escravidão permaneceu uma parte decisiva do sistema.” (INSTITUTO TRICONTINENTAL, 2018, p. 18). E justamente por corrigir, pela força revolucionária e organização popular, a contradição da Revolução Francesa em relação à escravidão em suas colônias é que a Revolução Haitiana é vista como complementar em relação à Francesa.

A respeito dessa complementariedade da revolução de São Domingos sobre a francesa e a organização dos movimentos jacobinos temos a seguinte passagem de C.L.R. James:

Em tempos normais, não se podia esperar que os trabalhadores e camponeses franceses tivessem qualquer interesse na questão colonial, [...]. Mas, naquele momento, eles haviam se levantado. Atacava a realeza, a tirania, a reação e a opressão de todos os tipos, os quais abrangiam a escravidão. O preconceito de raça é superficialmente o preconceito mais irracional e, devido a uma reação perfeitamente compreensível, os trabalhadores de Paris, que eram muito diferentes em 1789, a essa altura detestavam acima de tudo aquela parte da aristocracia que eles denominavam “aristocracia de pele”. Em 11 de agosto, um dia depois da queda das Tulherias, Page, conhecido agente dos colonistas na França, escreveu para a casa quase em desespero: “Um único espírito reina aqui: é o horror à escravidão, o entusiasmo pela liberdade. É uma exaltação que conquista todas as mentes e cresce a cada dia”. (JAMES, 2010, p. 121)

A importância da revolução de São Domingos também esbarra no aspecto socioeconômicos como encontramos em Karl Marx e F. Engels:

K. Marx expressou esta ideia de forma metafórica, dizendo que a escravidão dos negros em Suriname, Brasil, San Domingos (sic), nos estados sulinos dos EUA, com máquinas, crédito etc., surgia na qualidade de base específica, do desenvolvimento da indústria burguesa na Europa. (KOVAL, 1982, p. 18)

A discussão da relação entre o nascimento e consolidação do capitalismo relacionando com o mercado de seres humanos capturados e trazidos da África para as

colônias europeias na América perpassam uma ampla gama de historiadores como Caio Prado Jr. e Jacob Gorender. O próprio Jacob Gorender escreveu em 2004 uma resenha¹ do livro de C.L.R. James, na qual inclusive aponta a referência desse estudo para seu clássico *A escravidão reabilitada*.

Nesse material Gorender lembra que a obra *Jacobinos Negros* recebeu forte influência do nacionalismo africano e do marxismo (em especial do trotskismo ao qual C.L.R. James se ligou pela via da IV Internacional). Bryan D. Palmer, historiador canadense, em entrevista² (2018) à Maurício Orestes Parisi e Sean Purdy também destaca a aproximação de C.L.R. James com trotskismo, ainda que de forma distinta dele e de outros historiadores daquele contexto. Nessa mesma entrevista ainda Bryan D. Palmer afirma:

Seus escritos sobre dialética foram muito importantes. As histórias que ele escreveu, particularmente a de *Black Jacobins* [Jacobinos Negros], são incríveis. Ou mesmo *Beyond a Boundary* (1963), em que ele situa o críquete no contexto do colonialismo, das relações raciais etc. (PARISI & PURDY, 2018, p. 31)

Como podemos perceber os estudos de *Jacobinos Negros* possuem tanto uma relevância pela história do Haiti, aspectos de discussão historiográficos a respeito da questão da escravidão na América pensados sobre um prisma econômico-social-político e também pela qualidade historiográfica trazida por C.L.R. James, como Gorender afirma ao destacar a importância dos estudos sobre essa obra para nós brasileiros: “O regime escravista de São Domingos se identificava, sob muitos aspectos, com o brasileiro. Daí a relevância da obra de James para os estudiosos da historiografia de nosso País” (GORENDER, 2004, p. 297).

C.L.R. James nos lembra, brilhantemente sobre o peso da revolução de São Domingos para a luta de todos os povos e potencializa o quanto devemos aprender com essa história, até pela compreensão historiográfica no que tange às questões étnico-raciais no modo de produção capitalista.

Essa foi a única revolta de escravos bem-sucedida da História, e as dificuldades que tiveram de superar colocaram em evidência a magnitude dos interesses envolvidos. A transformação dos escravos, que, mesmo às centenas, tremiam diante de um único homem branco, em um povo capaz de se organizar e derrotar as mais poderosas nações europeias daqueles tempos é um dos grandes épicos da luta revolucionária e uma verdadeira façanha. (JAMES, 2010, p. 15)

¹ O épico e o trágico na história do Haiti (2004).

² Trabalho, experiência de classe e historiografia marxista: entrevista com Bryan D. Palmer (2018).

Os “interesses envolvidos” são nada menos que as principais potências colonizadoras e capitalistas do final do século XVII e começo do século XVIII.

Em agosto de 1791, passados dois anos da Revolução Francesa e dos seus reflexos em São Domingos, os escravos se revoltaram. Em uma luta que se estendeu por doze anos, eles derrotaram, por sua vez, os brancos locais e os soldados na monarquia francesa. Debelaram também uma invasão espanhola, uma expedição britânica com algo em torno de sessenta mil homens e uma expedição francesa de semelhantes dimensões comandada pelo cunhado de Bonaparte. A derrota da expedição de Bonaparte, em 1803, resultou no estabelecimento do Estado negro do Haiti, que permanece até os dias de hoje. (JAMES, 2010, p. 15)

Por tais razões não poderíamos deixar de fora essa obra e esse debate de fora da formação de nossos estudantes bem como o aprofundamento teórico metodológico adiante. Florestan Fernandes aponta como a necessidade e o compromisso político-intelectual-social do professor:

Como um professor pode ser neutro em sala de aula? Como um investigador pode ser neutro em suas pesquisas? (...) Esse debate sobre neutralidade ética implica a ideia de uma ideia de responsabilidade intelectual. Isto é, ela é o caminho pelo qual o especialista, saindo da escola normal ou da universidade, norteia-se em termos de uma relação de responsabilidade com a sociedade, isto é, com a ordem. (FERNANDES, 2019, p. 70)

Nesse sentido, a manutenção de um compromisso político do professor está diretamente ligada com a escolha dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. Apesar da existência de um currículo comum que pressuponha o ensino de conteúdos pré-determinados para cada ano escolar, é preciso refletir sob qual ótica eles estão sendo aplicados e o que os legitima enquanto um saber necessário ao aprendizado dos estudantes. Saviani (2011, p. 13) aponta que:

o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Dessa forma, conteúdos escolhidos pelo professor, bem como sua forma de ensiná-los devem estar comprometidos com o processo de humanização dos estudantes. A partir desse pressuposto, apresentaremos uma justificativa para o ensino da Revolução de São Domingos enquanto um desdobramento da Revolução Francesa, compreendendo tal conteúdo como um “Clássico”, no sentido proposto por Saviani (2011, p. 13):

O clássico não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos ao atual. O clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial. Pode, pois, constituir-se num critério útil para a seleção dos conteúdos do trabalho pedagógico.

O *hall* de conteúdos a serem trabalhados na escola deve ter se firmado ao longo da história como conhecimentos necessários à formação humana, tendo mantido sua relevância mesmo com o passar do tempo. Como dito por Saviani (2011, p. 17): “clássico, em verdade, é aquilo que resistiu ao tempo”.

Defendemos aqui que a temática da Revolução de São Domingos se apresenta enquanto um conteúdo clássico, devido seu caráter único no que diz respeito à luta antirracista, e mais especificamente na libertação do povo negro da escravidão no Haiti, sendo de grande riqueza para o debate de questões raciais e de classe no espaço escolar.

Reforçando o papel de *Jacobinos Negros* como clássico da produção teórica da humanidade e com imenso potencial historiográfico e pedagógico, há passagens que abordam um variado repertório de discussões historiográficas como, por exemplo, a descrição de um navio negreiro e a condição na qual os cativos estavam submetidos pela tripulação escravagista:

Nenhum lugar na Terra, observou um escritor da época, concentrou tanta miséria quanto o porão do navio negreiro. Duas vezes por dia, às nove e às quatro horas, eles recebiam comida. Para os traficantes de escravos, eram artigos de comércio e nada mais. Um capitão, que havia sido apanhado pela calmaria, ou por ventos adversos, ficou conhecido por ter envenenado sua carga. Um outro matou uma parte de seus escravos para alimentar com a carne deles a outra parte. Morriam não apenas por causa do tratamento, mas também de mágoa, de raiva e desespero. Faziam longas greves de fome; desatavam as suas cadeiras e se atiravam sobre a tripulação numa tentativa inútil de revolta. O que poderiam fazer esses homens de remotas tribos do interior, no mar aberto, dentro de um barco tão complexo? (JAMES, 2010, p. 23)

Descrições viscerais como essas estruturadas por um amplo arcabouço teórico ampliam a dimensão da obra de C.L.R. James e nos aproximam de importantes debates acerca da própria História do Brasil de forma a complementar os estudos de historiadores como Jacob Gorender em *Escravidão Colonial* (2016) e consolidam teoricamente debates importantes no espaço escolar a respeito desse processo histórico e também questões étnico-raciais da História do Brasil, África e Europa. Fornecendo um valioso relato historiográfico para materiais complementares como trabalhos com literatura (o poema *O navio negreiro* de Castro Alves) ou mesmo uma filmografia.

Outro ponto enriquecedor que reforça a nossa defesa da obra de C.L.R. James como clássico necessário na formação político-pedagógica está em sua abordagem a respeito dos quilombos.

Vale destacar que no campo historiográfico é na população escravizada que alguns dos principais historiadores vão encontrar os primórdios da luta de classes no Brasil: o historiador francês Benjamin Péret ao estudar o quilombo dos Palmares foi o primeiro a reconhecer o aspecto de luta de classes dos palmarinos, ainda que reconheça que “[...] os trabalhadores escravizados não criaram um projeto único a todos os oprimidos, não passando da salvação individual ao estágio da salvação coletiva” (FIABANI, 2012, p. 83). Reconhecemos que há discordância a respeito da questão da “salvação individual” para a “salvação coletiva”, pois outros historiadores e sociólogos marxistas também foram nessa linha de reconhecer o quilombo, com destaque para o de Palmares, como a primeira forma de luta de classes no Brasil, entre esses nomes estão Clovis Moura e Jacob Gorender³.

Em C.L.R. James esse aspecto dos quilombos como forma de luta de classes também é bastante forte, uma importante forma de apresentar a resistência dos cativos negros em São Domingos antes mesmo da organização revolucionária de Dessalines e Toussaint e até mesmo da Revolução Francesa. O destaque é para Mackandal⁴, uma importante liderança da luta dos quilombolas haitianos:

E durante os cem anos que antecederam 1789 os quilombolas representaram uma fonte de perigo para a colônia. Em 1720, mil escravos fugiram para as montanhas; em 1751, havia pelo menos três mil deles. Normalmente formavam bandos separados, mas periodicamente encontravam um chefe que era forte o suficiente para unir os diferentes agrupamentos. Muitos desses líderes rebeldes inspiravam terror no coração dos colonistas devido às incursões nas fazendas e à força e determinação da resistência organizada por eles contra as tentativas de exterminá-los. O maior desses chefes foi Mackandal. (JAMES, 2010, p. 34)

³ Jacob Gorender (2016) ainda vai além ao reconhecer outras formas de resistência ainda sob a condição de escravo como a fuga ou mesmo a rejeição ao trabalho: “O escravo é inimigo visceral do trabalho, uma vez que neste se manifesta totalmente sua condição unilateral de coisa apropriada, de instrumento animado. A reação ao trabalho é a reação da humanidade do escravo à coisificação. O escravo exterioriza sua revolta mais embrionária e indefinida na resistência à passiva ao trabalho para o senhor. O que, aos olhos deste último, aparece como vício ou indolência inata.” (GORENDER, 2016, p. 99)

⁴ Segundo C.L.R. James Mackandal era um negro vindo da Guiné e tinha sido escravo no distrito de Limbé, um dos centros da revolução. Era famoso entre os colonos europeus por ser um brilhante orador e de grande força. Foi morto após uma incursão em uma fazenda na qual embodedou-se e foi traído (JAMES, 2010, p. 34 e 35).

Há na obra de C.L.R. James uma proposta social de luta e resistência, uma proposta ontológica muito clara e que refina o trabalho docente com vasta possibilidade epistemológica ampliando diversos conceitos centrais na formação política, da consciência histórica e, também, a formação pedagógica dos discentes. Temas como escravidão, quilombos, imperialismo, colonialismo, Revolução Francesa, Jacobinos e Girondinos, racismo, luta de classes e luta antirracismo, humanização e desumanização, figuras históricas como Toussaint, Dessalines, Napoleão Bonaparte e tantos outros, potencializando tanto trabalhos por via da literatura e cinema gerando uma dimensão profunda e dinâmica para pensar esse contexto histórico.

Destacada a importância da luta de São Domingos para a história da luta social brasileira e defendida a abordagem dessa obra como um clássico fundamental à composição da biografia de formação crítica no espaço escolar, passamos à discussão pedagógica a partir dessa relação com a obra *Jacobinos negros*.

Conceitos pedagógicos

Como já mencionado esse artigo parte de um relato de prática que descreveu e analisou um trabalho pedagógico concreto e agora apresenta a proposta de aprofundamento em torno do trabalho da relação entre a obra *Jacobinos negros* e a formação crítica no espaço escolar.

Originalmente parte de um processo de aprofundamento teórico, com leituras e discussões, caminhou para o desenvolvimento de uma atividade a qual mesclava dois autores soviéticos: Vigotski e Lunatchárski. O objetivo fora desenvolver elementos da criatividade com as artes (desenhos e formas de escritas variadas) por via de desenvolvimento de cartazes políticos que se aproximassem das discussões sobre arte proletária, trazendo à tona e significando a revolução de São Domingos no processo de ensino-aprendizagem.

Lunatchárski, a respeito da busca pela cultura proletária, pontua que se trata da necessidade de trazer consigo valores que carreguem a marca do trabalhador trazendo seus “tesouros culturais” (LUNATCHÁRSKI, 2018, p. 63). Não estamos propondo dizer anacronicamente e de forma idealista e vazia que atingimos os princípios postos pela proposta de arte proletária, mas seus conceitos foram ideias chave para o

desenvolvimento da proposta original com estudantes da rede pública estadual: “[...] os traços fundamentais da arte proletária – o amor pela ciência e pela técnica, uma vasta concepção do futuro, o ardor combativo, a veracidade implacável – irão adquirir, gravando-se na armadura da percepção coletiva do mundo e da criação coletiva [...]” (LUNATCHÁRSKI, 2018, p. 73).

Os cartazes políticos estavam findados em produzir materiais político-sociais convocando a população haitiana a se juntar ao processo revolucionário, simulando assim que se tratasse de um “comitê de propaganda” formando por haitianos lutando ao lado de personalidades históricas como Toussaint e Dessalines. Portanto valorizando as ciências (já que precisariam de um repertório histórico, geográfico, linguístico) e apresentando um ardor implacável no processo de criação das artes, já que “vencer” os franceses (e demais potências imperialistas) e emancipar o Haiti seria também uma questão de classe e étnico-racial, buscando, por fim, alimentar percepções histórico-sociais e coletivas a respeito das lutas sociais em voga.

Vigotski (2018) foi a base das reflexões a respeito dos desenhos, aos quais dedica profundo estudo em *Imaginação e criação na infância*. Ao abordar os adolescentes, a faixa etária na qual desenvolvemos o trabalho está entre 13 e 15 anos, Vigotski alerta: “[...] para o adolescente já não basta uma atividade de imaginação criadora; ele não se satisfaz com um desenho qualquer para a contemplação de sua imaginação criadora e precisa adquirir habilidades e conhecimentos especiais e profissionais” (VIGOTSKI, 2018, p. 117). Nesse sentido o trabalho de orientação de técnicas de desenhos é fundamental até como desenvolvimento dos níveis mais elaborados e complexos da imaginação para que o discente consiga transpor no papel os níveis culturais e as propostas almejadas.

Em níveis de aproximação entre os autores soviéticos e as propostas postas nessa atividade há uma imensa convergência quando Vigotski (2018, p. 119) assume: “[...] que a criação ensina a criança a identificar sua capacidade criadora de construção da vida social-proletária (decoração do clube, preparação de estandartes, de cartazes, de apetrechos teatrais e murais). Não à toa a finalização dessa atividade não foi a apresentação em sala dos cartazes e dos temas propostos, mas a decoração da escola, organizada pelos estudantes, com esses cartazes para o evento do dia da Consciência Negra.

A proposta desenvolvida em 2019, nas escolas de Salto de Pirapora, era justamente de tratar da importância do desenhar para a representação de elementos, transcendendo uma situação de subordinação no processo criativo e complementando a perspectiva artística com a histórica no processo de ensino-aprendizagem de um tema político-social extremamente relevante à uma série de questões contemporâneas e significando a aprendizagem em torno do clássico livro *Jacobinos negros*.

Todo futuro é alcançado pelo homem com a ajuda da imaginação criadora. A orientação para o futuro, o comportamento que se apoia no futuro é alcançado pelo homem com a ajuda da imaginação criadora. A orientação para o futuro, o comportamento que se apoia no futuro e dele procede é função maior da imaginação, tanto quanto a estrutura educativa fundamental do trabalho pedagógico consiste em direcionar o comportamento do escolar, seguindo a linha de sua preparação para o futuro, e o desenvolvimento e o exercício de sua imaginação são uma das principais forças do processo de realização desse objetivo. A criação de uma personalidade criadora, projetada para o futuro, é preparada pela imaginação criadora que está encarnada no presente. (VIGOTSKI, 2018, p. 122)

Até esse momento retomamos as reflexões a partir do relato de prática e do trabalho já realizado, cabe a nós aprofundar as discussões pedagógicas em torno dessa aproximação entre as concepções críticas de educação e o livro de C.L.R. James.

No cenário atual da Educação Brasileira, muito se é dito sobre educação crítica, havendo um certo consenso sobre a necessidade de despertar um suposto “senso crítico” nos estudantes. Tal criticidade, muitas vezes reforçada até nos documentos oficiais, carece de uma definição concreta, sendo utilizada de maneira genérica e sem o devido aprofundamento. Sobre isso, Tonet (2016, p. 55) afirma que:

É frequente se ouvir falar em “formação integral”, “desenvolvimento integral”, “educação libertadora, humanizadora, crítica”, etc. Estes conceitos, de modo geral, são abstratos, vazios e com uma forte carga idealista. O defeito fundamental desses conceitos é que eles se referem apenas à subjetividade, à interioridade humana, sem levar em conta a sua essencial articulação com a realidade objetiva. Apontam para um dever-ser sem mostrar como isso se articula com a realidade concreta. Em resumo, propõem a formação integral dos indivíduos sem perceber que ela é impossível sem a supressão radical do capital.⁵

⁵ Independente dos apontamentos realizados pelo Autor no que diz respeito a Pedagogia Histórico-crítica proposta por Saviani, entendemos que, para as discussões propostas em nosso trabalho, os textos são convergentes.

Tal apontamento coaduna com a concepção de Educação Crítica que defenderemos aqui, relacionada diretamente à superação da sociedade capitalista, compreendendo todos os limites e contradições de educar dentro de um espaço institucional da própria ordem burguesa.

Para pensar em uma proposta de educação crítica é preciso retomar alguns aspectos históricos da constituição das concepções de Educação no Brasil, e para isso, recorreremos mais uma vez à Demerval Saviani. Ao longo do século XX, várias teorias influenciaram o pensamento pedagógico brasileiro. Saviani (2008) dividiu essas concepções em dois grupos: as teorias não-críticas e as teorias crítico-reprodutivistas⁶. Sobre elas, o autor aponta que:

no que diz respeito à questão da marginalidade, as teorias educacionais podem ser classificadas em dois grupos. No primeiro, temos aquelas teorias que entendem ser a educação um instrumento de equalização social, portanto, de superação da marginalidade. No segundo, estão as teorias que entendem ser a educação um instrumento de discriminação social, logo, um fator de marginalização. (SAVIANI, 2008, p. 3-4)

Mesmo que tenham sido apresentadas à educação brasileira no século passado, as teorias não-críticas ainda exercem influência nas propostas pedagógicas atuais, onde se continua a defender o papel de equalização social da escola, sendo ela considerada remédio para todas mazelas sociais.

Por isso, e pela necessidade constante de reflexão sobre a prática pedagógica que justificamos o trabalho do livro *Jacobinos Negros* no espaço escolar sob uma perspectiva crítica de educação.

Pensar em uma educação crítica, significa pensar em um processo educativo que esteja alinhado com as reais demandas da classe trabalhadora, no termos propostos por Saviani (2008), uma pedagogia revolucionária. Sobre essa concepção pedagógica, ele afirma que:

Uma pedagogia revolucionária centra-se, pois, na igualdade essencial entre os homens. Entende, porém, a igualdade em termos reais e não apenas formais. Busca converter-se, articulando-se com as forças emergentes da sociedade, em instrumento a serviço da instauração de uma sociedade igualitária. Para isso, a pedagogia revolucionária, longe de secundarizar os conhecimentos descuidando de sua transmissão, considera a difusão de conteúdos, vivos e atualizados, uma das tarefas

⁶ No hall das teorias não críticas, estão a Pedagogia Tradicional, a Escola Nova e a Pedagogia Tecnicista. Já as teorias crítico-reprodutivistas são a do sistema de ensino enquanto violência simbólica, da Escola enquanto Aparelho Ideológico do Estado e da Escola Dualista.

primordiais do processo educativo em geral e da escola em particular.
(p. 52)

O trabalho realizado a partir da obra de C.L.R. James se articula com uma concepção crítica educação, na medida em que propusemos junto a ela o debate sobre a categoria trabalho a partir de Marx, buscando contribuir para o processo de formação de uma consciência de classe. Longe de idealismos buscamos também contribuir com debates necessários nos dias atuais, como a questão racial e o imperialismo, que, apesar da mudança de roupagem ao longo do tempo, se configuram como problemas inerentes ao sistema capitalista do século XXI. Tais problemas afetam diretamente a vida de trabalhadores de todo o mundo, mas são intensificados nos países de economia dependente, como os da América Latina.

Tratando-se de uma proposta crítica de educação, buscamos a Pedagogia Histórico-Crítica como um horizonte de trabalho. Saviani (2011) aponta que a tarefa dessa concepção pedagógica na escola implica a identificação e conversão do saber objetivo em saber escolar, para que os alunos não apenas o assimilem, mas também aprendam o processo de sua produção e transformação. Sendo assim, buscamos que os alunos compreendessem os determinantes do processo da Revolução Haitiana, bem como suas contribuições para a luta antirracista e anti-imperialista na América latina. Borda e Chaves (2019, p. 170) apontam que:

Do mesmo modo que os escravizados negros na colônia de São Domingos tiveram um papel mais do que fundamental na destruição do Antigo Regime e na realização de universais que a Europa não tinha condições de realizar, James conecta eventos históricos que ocorrem em lugares distintos, não porque eles se espalham, mas porque o autor enxerga processos sociais muito próximos.

Isso nos mostra a relevância do conteúdo dentro de uma proposta pedagógica crítica, comprometida com o saber objetivo e o compromisso político de formação de consciência dos estudantes. Para a efetivação de uma prática pedagógica crítica, é necessário também pensarmos na consciência dos professores, responsáveis pelo processo educativo na escola. Recorremos mais uma vez a Saviani (1996, p. 05):

Passar do senso comum à consciência filosófica significa passar de uma concepção fragmentária, incoerente, desarticulada, implícita, degradada, mecânica, passiva e simplista a uma concepção unitária, coerente, articulada, explícita, original, intencional, ativa e cultivada.

Ao trabalhar os seus conteúdos em sala de aula, o professor deve buscar a superação do senso comum, abordando aspectos que por muitas vezes são deixados de

lado, ou tratados com superficialidade. A articulação do conhecimento sobre a Revolução Francesa com a Revolução de São Domingos com alunos do ensino fundamental, buscou o contraponto ao senso comum, trazendo novos saberes e debates não explicitados no currículo tradicional.

Conclusão

Partimos de uma reflexão teórico-metodológica a respeito de um trabalho pedagógico crítico em torno da obra dos *Jacobinos negros*, que apontamos como clássica da produção intelectual da humanidade, a respeito de um conjunto de temas bastante relevantes às questões contemporâneas sobre a questão do racismo e organizações populares, nosso presente trabalho ainda buscou dar um passo adiante em relação ao trabalho pedagógico ao trazer mais elementos historiográficos e educacionais para a maturação de um trabalho de práxis no espaço escolar.

Em um país marcado por desigualdades entre as mais agressivas da América do Sul (inclusive acentuadas por problemas históricos de racismo e políticas públicas de exclusão social), com notáveis problemas no campo da educação (entre os quais as concepções idealistas, os ataques neoliberais e a precarização, assim como os ataques ao professor como intelectual), se, de fato, queremos nos alinhar de fato com a concepção crítica de educação, a disputa conceitual e curricular deve ser uma das marcas para uma educação transformadora:

Os homens fazem a própria história; contudo não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles que escolhem as circunstâncias sobre as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem, o seu figurino, a fim de representar, com essa venerável roupagem tradicional e essa linguagem tomada de empréstimo, as novas cenas da história mundial. (MARX, 2011, p. 25)

A obra de C.R.L. James é o marco de sua adesão ao marxismo e foi escrita em um contexto do nacionalismo africano em pleno século XX, pelo aspecto teórico-metodológico se trata um texto de caráter historiográfico, não apenas reflexivo e sim

combativo, que visa destacar as lutas e a liderança de Toussaint, as organizações dos haitianos, as discussões a respeito das dificuldades diante de um voraz colonialismo e de interesses históricos em volta do controle das populações escravizadas nas colônias da América.

No que tange ao combate do racismo, até por suas posições políticas e luta, temos uma obra ímpar para fazermos uma disputa no campo pedagógico com profundidade necessária transcendendo o discurso de “combate pela conscientização” como se fosse uma mera questão retórica de “não cometa racismo”. C.L.R. James ataca a estrutura colonialista e imperialista e nos deixa forte reflexão sobre a normatização social do racismo nas estruturas sociais brasileira. Em Frantz Fanon, um dos militantes do nacionalismo africano, encontramos uma linha teórica bem similar à de *Jacobinos negros*.

Apercebe-se de que a atmosfera racista impregna todos os elementos da vida social. O sentimento de uma injustiça tremenda torna-se, então, muito vivo. Esquecendo o racismo-consequência, atira-se com fúria sobre o racismo-causa. Empreende-se campanhas de desintoxicação. Faz-se apelo ao sentido do humano, do amor, ao respeito aos valores supremos...

De fato, o racismo obedece a uma lógica infalível. Um país que vive, que tira a sua substância, da exploração de povos diferentes, inferioriza estes povos. O racismo aplicado a estes povos é normal. (FANON, 2019, p. 75)

Com as condições reais e materiais dos sujeitos dominadas pela concepção do *ethos* capitalista, a educação tem se tornado um espaço de ou reprodução da ideologia hegemônica (no caso a da burguesia) inclusive em suas contradições (se pensarmos pelo liberalismo clássico) entre as quais o próprio racismo, que é reconhecido por intelectuais negros (como Angela Davis, Fanon e Almir Cabral) como um problema dialético do capitalismo. É preciso que o docente se alinhe nesse campo de disputa epistêmica e ontológica, fazendo de seu trabalho pedagógico um processo consciente e estruturado por clássicos, para evitar se perder em idealismos e em eternas disputas narrativas.

Alinhar uma luta dentro das contradições históricas da educação pública, e não apenas entregá-la para a dominação ideológica, mas essa luta precisa estar pautada por uma ciência e conhecimento de fato engajados com a classe trabalhadora e bem como, como próprio Fanon coloca: deixando a estrutura clara, pois “[...] tudo pode ser

explicado às pessoas, na única condição que você queira que elas realmente entendam” (INSTITUTO TRICONTINENTAL, 2019, p. 17). O trabalho com um clássico do conhecimento, não precisa se enrijecer pela linguagem, ao contrário é preciso uma dialogicidade com o educando e o conhecimento no processo de ensino-aprendizagem. Se retomarmos o papel do professor como intelectual e eixo da educação, não temos dúvidas de que ao ter consciência de sua tarefa pedagógica crítica, ele tenha repertório para fazê-lo, ainda que as elites nacionais historicamente⁷ apostem tanto em alegar que seu problema é formação.

Para uma educação transformadora não podemos nos ater em fraseologias ou mesmo deixar de nos posicionar. C.L.R. James nos deixa importante denuncia a respeito da questão da História e da Educação, de como, limitada às visões dominantes nada fará além do que, replicar as relações de dominação e os atrasos impostos pelos grupos colonialistas:

A tradição histórica e a educação, no sentido de promover a luta contra o passado nacional, não existem. A História como é ensinada é, como sempre foi, propaganda daqueles que, não importa quem sejam, administram o antigo sistema colonial. O poder aqui é mais descarado que em qualquer outra parte do mundo. (JAMES, 2010, p. 361)

Nossa proposta é que os educadores e pesquisadores se alinhem na concepção crítica de educação e consigam trabalhar a partir de seu repertório teórico em nome de uma educação transformadora, pois os desafios e desigualdades na América Latina são homéricos e estruturados em uma organização muito rígida. A desigualdade social tem raiz, o racismo tem luta de classe e a Educação precisa ser pensada de um ponto para além da perspectiva idealista e liberal que hoje pautam perspectiva de boa parte dos educadores e intelectuais da educação. Que a escola pública possui suas contradições, não temos a menor dúvida, mas são justamente nas contradições históricas que a dialética, como Lenin (2018) aponta a respeito das contradições elas “[...] estão em luta e em movimento até que superem a si mesmas” (LENIN, 2018, p. 32).

Pistrak (2018), parafraseando Lenin (1902), discute a necessidade de uma teoria pedagógica revolucionária, justamente com os fins da transformação social:

⁷ Aprofundamos essa questão em nossa dissertação de mestrado intitulada: *A educação no jornal “o operário” (1909-1913): uma análise das tendências educativas* (2019). Esse trabalho foi defendido pelo programa de pós graduação em educação da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba.

[...] sem teoria pedagógica revolucionária, não pode haver prática pedagógica revolucionária. Sem uma teoria sociopedagógica, nossa prática se transformará em mesquinha metodologia, em diletantismo, em resolver problemas pedagógicos não com base em ideias gerais claras, mas ao acaso, pelo entusiasmo de um dado momento. (PISTRAK, 2018, p. 32)

Referências

- BORDA, W. B. Erik; CHAVES, S. Wanderson. **Falando com um historiador: entrevista com C. L. R. James por E. P. Thompson**. USP, n. 15, p. 167-190, 2019.
- FANON, Frantz. Racismo e cultura. In: **Revolução africana: uma antologia do pensamento marxista** – Org. FAZZIO, Gabriel Landi e MANOEL, Jones. 2ª ed. São Paulo; Editora Autonomia Literária, 2019.
- FERNANDES, Florestan. **A formação política e o trabalho do professor**. Marília-SP: Lutas anticapital, 2019.
- FIABANI, Adelmir. **Mato, palhoça e pilão: o quilombo da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004)**. 2ª edição. São Paulo – SP: Expressão Popular, 2012.
- GORENDER, Jacob. **O épico e o trágico na história do Haiti**. Estud. av., São Paulo, v. 18, n. 50, p. 295-302, Apr. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142004000100025&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 22 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100025>
- _____. **Escravidão colonial**. São Paulo – SP: Expressão Popular; Perseu Abramo, 2016.
- INSTITUTO TRICONTINENTAL. **Globalização e sua alternativa: uma entrevista com Samir Amin**. In: *Cadernos políticos* – Instituto Tricontinental de pesquisa social – nº 001, jun. 2018. São Paulo.
- INSTITUTO TRICONTINENTAL. **O novo intelectual**. In: *Dossiê nº13* – Instituto Tricontinental de pesquisa social – nº 001, fev. 2019. São Paulo.
- JAMES, C.L.R. **Os jacobinos negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- KOVAL, Boris. **História do proletariado brasileiro: 1857 a 1967**. Editora Alfa-Omega: São Paulo, 1982.
- LENIN, Vladimir. **Cadernos filosóficos: Hegel**. Trad. Paula Almeida. São Paulo: Boitempo, 2018.
- LUNATCHÁRSKI, Anatoli. **Revolução, arte e cultura**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Trad. e notas Nélío Schneider; prólogo Herbert Marcuse. São Paulo: Boitempo, 2011.
- PARISI, M.; PURDY, R. **Trabalho, experiência de classe e historiografia marxista: entrevista com Bryan D. Palmer**. Angelus Novus, n. 14, p. 21-48, 31 jul. 2018
- PISTRAK, M. M.. **Fundamentos da escola do trabalho**. Trad. Luiz Carlos de Freitas. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- SAVIANI, Demerval. **Educação: Do senso comum à consciência filosófica**. 11ª edição. Campinas: Autores Associados, 1996.
- _____. **Escola e democracia**. Campinas: Autores associados, 2008.
- _____. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11ª edição. Campinas: Autores associados, 2011.
- TONET, Ivo. **Educação contra o capital**. 2ª edição. Instituto Lukács, 2012.
- VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico para professores**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.